

# Humilhação social: análise de uma experiência da desigualdade social

*Social humiliation: analysis of a social inequality experience*

Márcia Kunis<sup>1</sup>; Sheila Cruz<sup>2</sup>; Marcelo Amorim Checchia<sup>3</sup>

1 Graduanda do curso de Psicologia – Uninove. São Paulo – SP [Brasil] mkunis@globo.com

2 Graduanda do curso de Psicologia – Uninove. São Paulo – SP [Brasil] she\_psique@yahoo.com.br; sheilacruz70@hotmail.com

3 Professor – Uninove. São Paulo – SP [Brasil] ma.ch@uninove.br; checchia@gmail.com

Neste texto, busca-se ressaltar e analisar a experiência individual da desigualdade social, com suas implicações psicológicas, considerando o ponto de vista de quem é oprimido por essa desigualdade, por meio do relato de pessoas que viveram e vivem essa experiência cotidianamente. Tendo como base o referencial teórico da Psicologia Social, utilizou-se o conceito de reificação, por permitir analisar um dos fatores predominantes na origem da desigualdade entre os homens. Objetiva-se colocar em discussão conteúdos, crenças e valores do sistema que determinam formas de relacionamento, facilitando a reflexão e conscientização na busca pelo retorno ao humano. O estudo foi desenvolvido com participantes que exercem funções operárias, na região central da cidade de São Paulo. Para coleta de dados foram realizadas entrevistas semidirigidas, elaboradas com o método da pesquisa qualitativa. Conclui-se que se trata de uma experiência de humilhação social, geradora de angústia, decorrente de uma sociedade visivelmente marcada pelas relações capitalistas, que freqüentemente tendem a anular a essência do homem.

**Palavras-chave:** Desigualdade social. Humilhação social. Opressão. Psicologia social.

In this text, it is aimed to point out and to analyze the individual experience of social inequality, with its psychological implications, considering the point of view and report of one who is oppressed, one that lived and live that experience daily. From the theoretical referential of social psychology, the reification concept was used, allowing the analysis of the predominant factors in the origin of inequality among men. It was aimed to discuss contents, creeds and values of the system that determines forms of relationship, facilitating the reflection and understanding concerning the pursuit of the human's return. The study was carried out with participants who are blue-collar workers, in the central area of the city of São Paulo. For collection of data, semi-directed interviews were used, elaborated with the qualitative research method. It was concluded that there was a social humiliation experience, generating anguish, once inserted in a society visibly marked by capitalist relationships that frequently tend to annul man's essence.

**Key words:** Oppression. Social inequality. Social humiliation. Social psychology.

## 1 Introdução

José<sup>1</sup>, 35 anos, pedreiro, foi solicitado para um serviço num bairro de classe alta na cidade de São Paulo. No dia seguinte à solicitação, estava presente no local, por volta das oito da manhã, para fazer levantamento do que utilizaria no serviço. Moreno de pele, não muito alto, trajando calça jeans e camiseta, quando não o “uniforme” da labuta, era um homem de linguajar comum.

No segundo dia de trabalho, José chegou novamente por volta das oito da manhã, trocou de roupa e reiniciou suas atividades. Duas funcionárias do local em que José prestava serviço tinham o costume de lá almoçar. Por ser ele mais uma pessoa presente no ambiente, no horário do almoço, permaneceu no recinto em companhia das duas mulheres. Kelly, uma das funcionárias, pediu a Ana (outra funcionária) que chamasse José para fazer a refeição com elas. Ana espantou-se com o pedido e, demonstrando-se ofendida, disse:

- “Não me invente histórias! Eu não vou dividir a minha comida com este pedreiro! Ele não é meu funcionário... Quem o contratou que lhe dê de comer!”.

O espanto de Kelly diante da situação (inesperada) foi maior ainda! “Como pode ela, que ocupa o mesmo cargo que o meu, pensar dessa maneira e ainda verbalizar, com tanta ênfase, o seu espanto:” – Pensou.

Kelly chamou José para que viesse almoçar, mas ele recusou alegando que precisaria terminar o serviço cedo e ir embora.

No dia seguinte, estavam diante da mesma situação. José precisaria terminar o serviço naquele dia e, como no dia anterior, chegou por volta das oito da manhã e iniciou seu trabalho. Repetindo o que havia vivenciado na situação anterior, Kelly recusou a dispensa de José e insistiu para que comesse com elas.

Ana, enfurecida com a decisão, pediu que ele viesse almoçar somente depois de ela sair da

mesa. Para evitar outra situação desagradável, o pedido foi seguido.

Assim que Ana deixou a mesa, Kelly chamou José para sentar-se a seu lado. Ele, porém, recusou-se a fazê-lo, alegando que estava sujo e não poderia sentar-se em uma cadeira “tão limpinha”. Embora tivesse terminado seu serviço e já estivesse trocado, sem sua roupa de trabalho, o pedreiro parecia amedrontado, pois olhava para a porta a todo instante. Kelly permaneceu no local, como se quisesse deixá-lo um pouco mais à vontade para almoçar.

Enquanto Kelly conversava com José, ele tratava de comer rápido, demonstrando receio de segurar o garfo e a faca. Depois de comer, pegou o copo que estava na mesa e, ignorando o suco, levantou-se em direção à pia para beber a água da torneira.

Aquela situação foi comovente. José olhou agradecido para Kelly e falou: – “Senhora, que Deus te abençoe para continuar com sua bondade!”

Este é o relato de uma situação que julgamos muito apropriada para introduzir o tema em questão, pois descreve, de forma evidente, a humilhação social que sofre o trabalhador, devido à forma de tratamento preconceituosa, neste caso por parte de uma funcionária, ela também mais uma pessoa entre tantas outras trabalhadoras proletárias inseridas nessa classe.

É evidente que, às vezes, um simples olhar como o de Ana – que se considerava em situação “melhor” do que a de José –, que teria causado certo desconforto ao pedreiro, pode ser suficiente para apagar um pouco do brilho de uma pessoa simples. Um ato, ou em outras situações, uma verbalização pode fazer uma pessoa sentir-se inferior ou indigna de sentar-se à mesa “limpa” e segurar um talher.

Portanto, toda essa situação bastante comum e vivenciada por muitas pessoas nos remete à reflexão do valor do ser humano, que deixa de existir quando veste um uniforme ou exerce honestamente algum trabalho.

O relato nos chama a atenção para duas questões principais: como é a experiência da

desigualdade social de quem é oprimido? Quais as suas conseqüências? Questões como essas costumam ser tratadas pela Psicologia Social

Para dar conta de seu objetivo, isto é, o de estudar a experiência de um homem entre outros seres humanos, a Psicologia Social deve-se apoiar em duas teorias – social e psicológica –, uma vez que essa experiência é resultado da relação com outras pessoas, mas que é vivida interiormente pelos indivíduos. Em outras palavras, a experiência da desigualdade social é decorrente das condições sociais estabelecidas pelos próprios sujeitos, mas vivenciada internamente, de forma única, pelo indivíduo.

Pretende-se, portanto, buscar em ambas as teorias os fenômenos que levam o homem a “pertencer” a uma sociedade. Fazer parte de uma sociedade, mais do que estar presente, significa ter o direito de falar e, principalmente, de ser ouvido, ou seja, o “direito” de ser percebido.

Mas será que os oprimidos pela desigualdade social têm esse sentimento de pertencimento? Como vivem essa desigualdade? O que falam dessa experiência? Quais são seus efeitos psicológicos?

Este estudo tem como objetivo tratar de tais questões, procurando, com base nas experiências reais de vida dos depoentes, conhecer os possíveis padrões de repetição dessa desigualdade social que está tão claramente embutida na sociedade em geral.

## 2 Método

A melhor maneira de apreender o significado que uma pessoa dá às suas experiências é aproximar-se dela, vivenciá-las em conjunto e escutar o que diz. Tal método exige grande dedicação por parte do pesquisador, pois deve doar boa parte de seu tempo (senão o tempo integral) ao pesquisado.

Devido às dificuldades de realização impostas por esse método, optou-se aqui pela realização de uma entrevista semidirigida com

o depoente, utilizando o método da pesquisa qualitativa. Seguiram-se os procedimentos normativos e éticos, visando não expor os entrevistados a situações constrangedoras, caso não concordassem em relatar suas histórias, respeitando-se o sigilo durante a coleta dos dados, preservando seus nomes e, dessa forma, suas identidades.

Esta pesquisa foi realizada na região central da cidade de São Paulo, com operários, durante três meses. Para selecionar os participantes, utilizou-se como critério sua classe socioeconômica e a vivência de situações de desigualdade.

As questões utilizadas na pesquisa nascem da relação de convivência entre pesquisador e depoente, numa situação em que ambos estejam livres para relatar. Uma relação entre companheiros, de ambas as partes. Uma relação que traz alegria!

A memória do depoente é o “instrumento” de maior importância na aplicação do questionário, tanto que sua narrativa estará diretamente relacionada a uma experiência vivida, e não a algo suposto ou fantasiado. A descrição do que foi vivenciado exige respostas da relação com o determinado e o indeterminado.

Neste trabalho optou-se pela realização de entrevista semidirigida. Foi levantado um roteiro de questões de modo que o depoente relatasse experiências relacionadas com o tema de pesquisa.

## 3 A entrevista

A entrevista foi realizada na cidade de São Paulo em uma tarde de sábado, em frente a entrada do local de trabalho do entrevistado, ao término de seu expediente. Uma das entrevistadoras, por ser funcionária da empresa em que o entrevistado trabalhava, já o conhecia, o que facilitou a conversa. De maneira descontraída e sem dificuldades, ele se mostrou muito entusiasmado com a possibilidade de falar e contar experiências de si mesmo.

Jorge tem 39 anos, é pernambucano, casado, tem duas filhas, é eletricitista e trabalha desde os 18 anos. Aos oito anos, veio com seus pais e irmão para São Paulo e foi morar em Guarulhos (SP). Lá, ele e o irmão conseguiram estudar até o colegial. No entanto, Jorge, que já trabalhava como ajudante geral em linha de montagem numa metalúrgica e gostava muito de trabalhos ligados à eletrônica, resolveu fazer um curso técnico de eletricitista na escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), interrompendo o colegial.

O entrevistado declarou ser uma pessoa com vontade de mudar e melhorar, apesar da falta de tempo e da rotina corrida. Dividindo seu tempo entre o trabalho diário e o curso noturno, ainda assim conseguia destacar-se no trabalho, por sua rapidez e facilidade em aprender, recebendo promoções e ascendendo a cargos na linha de montagem. Foi promovido de ajudante de montador a montador e, posteriormente, a montador “classe A”, esta, na sua opinião, uma “promoçãozinha besta”.

Depois de algum tempo nessa metalúrgica, seguiu para outra, “uma empresa bem conceituada”, em suas palavras, na qual ele apreciava muito trabalhar. Aí, como resultado de seu desempenho, chegou a receber uma homenagem de “mérito e reconhecimento”.

Considerava-se bem tratado na empresa: o chefe sempre lhe dava um tapinha nas costas que, para ele, indicava que havia algum interesse maior da chefia em sua atividade.

Jorge relatou que o chefe dava todo incentivo ao trabalhador, mas, em caso de doença, era descartado como uma coisa qualquer, como se fosse um objeto com defeito. Tinha consciência de ser também “descartável” como as outras pessoas.

Passaram-se os anos. Jorge arriscou trabalhar por conta própria com um amigo, mas, em razão da falta de dinheiro para investir, a experiência não deu certo; por isso, resolveu empregar-se em outro lugar.

Perguntamos sobre situações desagradáveis por que havia passado, ou se em algum

dos ambientes de trabalho que freqüentou fora discriminado, por usar uniforme ou por algum outro tipo de preconceito. Contou que, certa vez, estava com sua maleta de ferramentas no elevador de um prédio, quando uma pessoa, ao vê-lo, decidiu não entrar – para ele, era “gente de escritório”. Tomou essa postura como falta de educação, salientando que, se todos fossem educados, haveria igualdade; afinal essa educação “vem do berço”. Como essas situações ocorrem com certa freqüência, procura evitá-las.

Jorge pensa mais um pouco e diz: “É inconsciente! As pessoas olham de baixo para cima. Olham primeiro o uniforme antes de ver a pessoa!”. E diz mais: “Isso é próprio da educação. A pessoa bem educada trata os outros com igualdade, e não pela primeira vista. Não é isto (o uniforme) que vai fazer diferença!”.

Ao perguntamos sobre seus sonhos e se gostaria de exercer outra atividade, comenta que desejava ver suas filhas adultas estudando para que tivessem “condições de ser vistas” e pudessem preparar-se para disputar o mercado de trabalho. Relatou que apreciava muito o que faz e que, se não fosse eletricitista, seria mecânico. Manifestou também a opinião de que atualmente, com a terceirização, as condições de trabalho são ruins, o salário diminuiu, uma empresa passou a depender da outra (“o cara fica preso”).

No momento em que finalizávamos essa conversa, explicando-lhe a importância de seu depoimento e nossa satisfação pela entrevista, Jorge disse ter mais algumas situações para relatar. Iniciou com o seguinte: ao ser contratado para trabalhar na manutenção de um cargueiro em São Sebastião, litoral norte do Estado de São Paulo, encontrou seu encarregado e um engenheiro da obra, que, ao vê-lo, lhe disseram: “Esse aí, sem chance, magrelo desse jeito, não vai agüentar o serviço”. Jorge lembrou-se de ter ficado quieto na hora e de haver conseguido realizar um bom trabalho, apesar da mágoa que o comentário lhe causara. Seu desempenho agradou tanto que lá permaneceu dez anos. Para finalizar, contou-nos de sua ex-

perência em outra empresa, destacando que, apesar da boa produtividade, seu trabalho não era reconhecido, pois quem ganhava bonificação em dinheiro pela boa performance eram os superiores hierárquicos.

Atualmente, executa um trabalho que considera “mamão com açúcar”: faz manutenção num edifício, com carga horária reduzida e gosta muito de sua atividade.

## 4 Análise da entrevista

A entrevista com Jorge foi bastante rica. Diversos aspectos merecem análise e reflexão à luz de conceitos utilizados em Psicologia Social: a ideologia, a reificação, o desenraizamento e, por fim, a humilhação social.

### 4.1 A ideologia

Embora Jorge tenha conversado bastante, ressaltando suas opiniões, percebemos que havia certa dificuldade de falar sobre desigualdade social. Ao ser questionado a respeito das situações desagradáveis, falou rapidamente, em tom sério e demonstrando certa ansiedade, sem a espontaneidade e a descontração demonstradas ao tratar de suas conquistas. O psicólogo social José Moura Gonçalves Filho nos explica essa dificuldade, apontando algumas conseqüências psicológicas da desigualdade social:

Os pobres sofrem frequentemente o impacto dos maus tratos. Psicologicamente, sofrem continuamente o impacto de uma mensagem estranha, misteriosa: ‘você são inferiores’. E, o que é profundamente grave: a mensagem passa a ser esperada, mesmo nas circunstâncias em que, para nós outros, observadores externos, não pareceria razoável esperá-la. Para os pobres, a humilhação ou é uma

realidade em ato ou é freqüentemente sentida como uma realidade iminente, sempre a espreitar-lhes, onde quer que estejam, com quem quer que estejam. O sentimento de não possuírem direitos, de parecerem desprezíveis e repugnantes, torna-se-lhes compulsivo: movem-se e falam, quando falam, como seres que ninguém vê (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 53).

A partir dessas considerações, torna-se compreensível a reação de Jorge ao falar de experiências que o remetem à desigualdade social. Tratar desse assunto implica entrar em contato com o sofrimento decorrente dessa desigualdade. É possível entender também o uso de alguns discursos ideológicos, que têm dupla função: a defesa contra o sofrimento e o ocultamento da responsabilidade dos homens pelas condições sociais estabelecidas que levam a esse sofrimento. A ideologia é um discurso que distorce a realidade vivida e impede que a dominação seja percebida nesse processo.

A ideologia tem sua origem na divisão social do trabalho e iniciou-se no momento em que houve dicotomia entre o trabalho braçal e o intelectual. Essa divisão gerou a falsa idéia de que o trabalho intelectual seria independente e mais importante que o braçal. O resultado é, obviamente, a desvalorização não só do trabalho braçal, mas também, e principalmente, do trabalhador que o realiza.

Nasce agora a ideologia propriamente dita, isto é, o sistema ordenado de idéias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores – os teóricos, os ideológicos, os intelectuais – não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência. E, sem perceber, exprimem essa desvinculação ou separação através de suas idéias. Ou seja: as idéias aparecem

como produzidas somente pelo pensamento, porque os seus pensadores estão distanciados da produção material (CHAUÍ, 2006, p. 62).

No entanto, essa realidade precisa ser velada para que se mantenha o domínio da classe dos intelectuais sobre a dos trabalhadores braçais. Isso fica evidente, por exemplo, quando Jorge fala de suas conquistas. Embora tenha havido reconhecimento de seu trabalho, nota-se que este serve apenas de motivação e de instrumento de dominação para que ele continue exercendo sua função com dedicação. Outrossim, constata-se esse mesmo estratagema no fato de que nosso ator jamais tenha sido promovido para cargos de comando, apesar de sua reconhecida capacidade de aprendizado, desempenho, envolvimento e responsabilidade com o trabalho.

Jorge é, portanto, vítima da ideologia que corrobora um sistema político-econômico que busca conquistar seus trabalhadores por meio do discurso da valorização para assegurar a lucratividade dos empreendimentos e a manutenção do *status quo*.

## 4.2 A reificação

No discurso de Jorge, é possível observar o que denominamos reificação, que Gonçalves Filho descreve bem, a seguir:

A ubiqüidade do dinheiro. [...] As relações sociais estão despersonalizadas, refreando a solidariedade para o âmbito privado da família. Toda e qualquer aquisição – material e simbólica – foi transformada em moeda: “se você não tiver o dinheiro acabou o mundo” [...]

A reificação afeta o regime da aparência: a aparência deixa de valer como meio de projeção pessoal e torna-se a coisa com

a qual a pessoa é confundida e com que ela própria tende a se confundir.

Há aparências bloqueadas, em que se amarrou violentamente o poder de sua aparição. Aparências retidas num ponto em que só dificilmente cumprem sua aparição: retidas num ponto em que, como coisas, dificilmente podem realizar sua aparição metafísica, dificilmente podem transcender as formas abstratas em que foram politicamente congeladas. A reificação age como um bloqueador de aparências, interrompe nos objetos, nos bichos, nos homens o seu poder de aparição. (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 20; 48-49).

A reificação é a coisificação do homem, isto é, a redução dos homens à qualidade de objeto, sem características pessoais. Em um mercado capitalista, o homem é transformado em número, o valor de troca necessário para fabricação de uma mercadoria. Não interessa ao capitalismo o caráter ou as qualidades pessoais do trabalhador, mas apenas sua capacidade de produzir.

(...) Para os produtores, as relações que ligam os trabalhos de um indivíduo com os trabalhos dos demais surgem não como relações sociais diretas entre pessoas que trabalham, mas como o que realmente são, isto é, como relações semelhantes a coisas entre pessoas e como relações sociais entre coisas. (...) Para os produtores, sua própria ação social toma a forma de ação de coisas, que governam os produtores em lugar de serem por elas governadas. (BOTTOMORE, 2001, p. 315).

Jorge expressa essa característica da sociedade ao falar da postura da empresa quando um funcionário adoece, demonstrando uma mistura de raiva e desânimo por saber que pode ser trocado a qualquer momento. O tema da saúde é, inclusive, apontado por Gonçalves

Filho como recorrente no depoimento dos trabalhadores, pois

A saúde é virtude corporal por excelência. E o corpo é apanágio do homem proletarizado: aquele que foi espoliado, oferece o que resta da sua força muscular – como mercadoria para a venda em troca de salário. A saúde do corpo, desde então, vem necessariamente polarizar sua segurança psicossocial. Um pai não pode adoecer quando sua doença implicaria facilmente num desastre familiar. (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 26).

Ainda segundo esse autor, a reificação impede a visão das qualidades humanas, tornando invisível a especificidade do ser:

A visão de um outro homem pelo homem é acontecimento originário, ainda mais originário do que as forças que se impõem entre nós e os outros e tendem a cegar-nos todos. Se o outro torna-se invisível não é porque a visão do outro seja acontecimento secundário, formado *a posteriori*, mas é porque a máquina social e a máquina inconsciente interpõem-se entre nós e impedem a irrupção do que vem por si mesmo. (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 49).

Estar invisível não é ficar apenas à margem do direito de falar e de ser ouvido. No caso de Jorge, por exemplo, a invisibilidade está presente na hora que ele afirma desejar melhores condições de vida para suas filhas, “para que elas sejam vistas”.

Ele é mais uma vítima de um sistema que ofusca e oculta a realidade, que promete destacar e fazer crescer aquele que se esforça muito e consegue desempenhar satisfatoriamente suas funções. Um sistema que necessita do trabalhador braçal, mas que torna invisível o valor

de seu trabalho, por prestigiar apenas os que controlam o trabalho alheio, donos do saber e do capital. Como afirma Gonçalves Filho (1998, p. 52), “[...] a pessoa excessivamente visível não pode aparecer naquilo que dela faz apenas uma aparência. Desaparição do homem na tarefa serviçal em que só aparece o uniforme.”

A reificação é, portanto,

[...] o processo histórico de longa duração através do qual as sociedades modernas fundaram seus alicerces sob o princípio das determinações mercantis. Os mecanismos tornaram-se, entre nós, destacados e hegemônicos. [...] A reificação configura-se como processo pelo qual, nas sociedades industriais, o valor (do que quer que seja: pessoas, relações inter-humanas, objetos, instituições) vem apresentar-se à consciência dos homens como valor sobretudo econômico, valor de troca: tudo passa a contar, primariamente, como mercadoria. Assim, por exemplo, o trabalho reificado aparece por suas qualidades, trabalho concreto, mas como trabalho abstrato, trabalho para ser vendido. A sociedade que vive à custa desse mecanismo produz, perpetua e apresenta relações sociais como relações entre coisas. O homem fica apagado, é mantido à sombra [...] (COSTA, 2004, p. 63).

### 4.3 O desenraizamento

Quando Jorge diz achar normal o tratamento diferenciado, demonstra não ter consciência muito clara da desigualdade social que, para ele, está vinculada à educação moral e familiar. Ao se referir à desigualdade na forma de tratamento entre ele e “gente de escritório”, pensa ser apenas uma questão de educação familiar e de valores morais. Esse discurso ideológico oculta também o sentimento de desen-

raizamento, que é resultado da desigualdade social, conceito bem explicado por Gonçalves Filho (1998), que afirma ser raiz a herança da participação que tem o homem em sua sociedade, conservando suas memórias e informações, tendo-as como referência que vincula o passado com o futuro.

Qual é a forma de participação que Jorge encontra nessa sociedade? Talvez ele encontrasse o sentimento de enraizamento pelo reconhecimento do valor de seu trabalho, mas isso só ocorre de maneira ideológica. Quando o interesse de uma sociedade é o lucro, o trabalho deixa de ser feito para o bem-estar dos próprios homens, passando a focar o acúmulo de capital de alguns poucos. O que resta é uma sensação de trabalho para os outros, desvinculado das tradições de sua comunidade e cujo resultado não é usufruído por seus membros. Isso leva ao desenraizamento, à perda do sentimento de participação ativa na vida em comunidade.

Conforme Simone Weil (2001), a raiz é característica humana fundamental, que traz o pertencimento a esse ser, necessidade importante e negligenciada da alma humana. A autora declara que o dinheiro destrói as raízes seja onde for que penetre, substituindo todos os estímulos pelo desejo de ganhar.

Uma das conseqüências do predomínio dos interesses econômicos, ao gerar o desenraizamento, consiste em fazer o ser conduzir sua vida de modo automático, como aquele que desconhece suas tradições e sua história e que está sujeito a viver com padrões de pensamento vinculados a idéias equivocadas, cujas origens históricas não são conhecidas. Tudo isso faz do homem um ser sem autonomia, conduzindo sua vida de forma escrava e tornando-se vulnerável a todos os meios de dominação.

#### 4.4 Humilhação social

Tanto no relato de Jorge, com a desvalorização de seu trabalho, quanto na situação

enfrentada por José, descrita ao início, em que uma funcionária do local em que ele prestou serviço lhe negou um prato de comida, descrevem-se exemplos de humilhação social, às vezes motivada tão-somente pela aparência física do indivíduo discriminado.

Mas então o que é exatamente a humilhação social? Gonçalves Filho propõe:

Sem dúvida, trata-se de um fenômeno histórico. A humilhação crônica, longamente sofrida pelos pobres e seus ancestrais, é efeito da desigualdade política, indica a exclusão recorrente de uma classe inteira de homens para fora do âmbito intersubjetivo da iniciativa e da palavra. Mas é também de dentro que, no humilhado, a humilhação vem atacar. A humilhação social conhece, em seu mecanismo, determinações econômicas e inconscientes. Devemos propô-la como uma modalidade de angústia disparada pelo enigma da desigualdade de classes. Como tal, trata-se de um fenômeno ao mesmo tempo psicológico e político. O humilhado atravessa uma situação de impedimento para sua humanidade, uma situação reconhecível nele mesmo – em seu corpo e gestos, em sua imaginação e em sua voz – e também reconhecível em seu mundo – em seu trabalho e bairro. (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 15).

Traçando um paralelo entre os relatos citados neste trabalho, confirma-se a definição acima no momento em que José se recusou a sentar-se à mesa, alegando que estava sujo, depois de se ter trocado, e quando Jorge disse que “gente do escritório” se negara a entrar no elevador ao vê-lo vestido com seu uniforme. Em ambos os casos, a humilhação vivenciada pela desigualdade de classes sociais é nítida e transparece nas duas falas.



A humilhação social é produto da história da desigualdade de classes, que, segundo Marx, resulta do capitalismo burocrático que separa homem e trabalho. Outrora, o trabalho era visto como uma maneira encontrada pelo homem para sua sobrevivência e de sua família. Os homens trabalhavam em conjunto para manter a integridade familiar.

Esse mesmo trabalho, que a princípio servia para subsistência, tornou-se, por conta dos interesses capitais, instrumento de dominação. A minoria detentora do capital e do poder exerce esse domínio por meio de leis de controle da maioria, assegurando a manutenção desse *status quo*.

Essa dominação não se dá sem acarretar conseqüências psicológicas. Quando o homem sai de casa para trabalhar, encontra um mundo diferente, sofre humilhações e volta amargurado para o lar. Inconscientemente, afasta-se de sua família. Trata-se de um problema que demanda urgente resolução.

A humilhação social caminha com a desigualdade social, que parece ter o poder de controle, como se cada ser nascesse predisposto a um “cargo” na sociedade, como se o sujeito estivesse condenado a agir de acordo com o que a comunidade determina. Essa é uma forma de dominação inconsciente, como afirma Gonçalves Filho:

A humilhação age destrutivamente pelos dois extremos do psiquismo. Comparece pelo lado dos enigmas que nos vem ferir, que infestam a subjetividade e nela se inscrevem como fonte de processos inconscientes, processos primários, pulsão, angústia [...] (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 44).

## 5 Considerações finais

Na sociedade capitalista, a desigualdade social é conseqüência dos interesses econômicos, pois tudo gira em torno do dinheiro. O va-

lor monetário corrompe as relações humanas, anulando conceitos, tais como amor, caráter e respeito. Trata-se de uma sociedade em que o reconhecimento estético se sobrepõe ao da capacidade do ser. Vitalidade e aparência jovial tornam-se prioridades. Aquele que tem o dever de sustentar uma família, estando ou não no mercado de trabalho, sofrerá com a ansiedade e a angústia do tempo, dada a insegurança que o avançar da idade provoca, por ser motivo de desemprego, como relata o depoente (“Tenho medo, já tenho trinta e nove anos e [...]”).

Outro fator presente na sociedade capitalista é a alienação do trabalho: executamos tarefas e produzimos algo, sem que possamos escolher os meios para tal tarefa. No final do processo, não seremos nós que obteremos o resultado, mas os donos desses meios. Nesse processo, somos apenas partes de uma engrenagem, desconhecendo, dessa forma, o funcionamento geral do que produzimos. Trata-se de um contexto em que não existimos como pessoa, pois o que conta é aquilo que possuímos.

A ideologia disseminada pela classe dominante acaba desempenhando bem seu papel de ocultar toda essa realidade. Daí a importância dos estudos de Psicologia Social: destacar a experiência da desigualdade social vivida por quem é oprimido, com o fito de conscientizar os indivíduos da origem e das conseqüências psicológicas dessas condições, para que a violência da humilhação social deixe de ser reproduzida e naturalizada. Jorge, o trabalhador braçal, com sua vivência tem muito a nos ensinar.

## Nota

- 1 Os nomes dos participantes foram trocados para preservar a integridade das pessoas citadas.

## Referências

BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.



CHAUI, M. *O que é ideologia*, São Paulo: Brasiliense, 2006

COSTA, F. B. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação social: um problema político em psicologia. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998.

\_\_\_\_\_. Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. In: BOCK, A. M. B. (Org.). *Psicologia e compromisso social*. São Paulo: Cortez, p. 193-239, 2003.

WEIL, S. *O enraizamento*. Bauru: Edusc, 2001.

**Para referenciar este texto**

KUNIS, M.; CRUZ, S. CHECCHIA, M. A. Humilhação social: análise de uma experiência da desigualdade social. *ConScientiae Saúde*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 313-322, 2007.